



CONGRESSO NACIONAL
DE **ENVELHECIMENTO**
HUMANO



(83) 3322.3222
contato@cneh.com.br
www.cneh.com.br

O “ETARISMO” E A VELHICE: REVISÃO DAS PUBLICAÇÕES NACIONAIS.

Mayara Pinheiro de Moura Rodrigues¹, Isaac Felipe Leite Braz², Rayane Pereira de Araújo², Juliano Silveira de Araújo³

1 Autor

2 Coautor

3 Orientador: Médico Especialista em Geriatria pelo Serviço de Geriatria do Hospital das Clínicas (SGHC) da Faculdade de Medicina da USP (FMUSP). Titulado pela Sociedade Brasileira de Geriatria e Gerontologia (SBGG). Pós Graduando em Distúrbios da Cognição pelo SGHC-FMUSP.

isaacflbraz@gmail.com - Universidade Federal do Rio Grande do Norte
rayanep.araujo1@gmail.com - Universidade Potiguar
mayrodrigues@hotmail.com - Universidade Potiguar

INTRODUÇÃO

No Brasil, a estrutura etária populacional segue em constante processo de transformação desde meados do século XX. Projeções do IBGE demonstram um aumento da expectativa de vida para 75 anos em 2020, contrastando com dados de 1940, em que esta expectativa era de 41,5 anos. Dessa forma, paralelamente à redução da taxa de fecundidade, observa-se que nossa população vem envelhecendo, e que a parcela de idosos está se tornando mais significativa, de modo que os idosos tendem a ocupar percentuais progressivamente maiores do total de indivíduos brasileiros.

Todavia, embora seja observado esse processo, percebemos uma resistência frequente ao curso natural do envelhecimento, o que pode ser demonstrado por uma percepção negativa por parte da sociedade em relação aos idosos, e até mesmo dos próprios, que são vistos como seres mais frágeis e improdutivos. (Castro, 2016). Ademais, é fato que a fase de vida é uma categoria social que influencia e guia as relações entre as pessoas de diferentes faixas etárias: a partir da idade de um indivíduo, são feitas inferências sobre suas competências sociais, intelectuais e cognitivas. Assim, nas sociedades ocidentais, a velhice é estereotipada como uma etapa de limitações e de perdas.

Nesse contexto, surge o “etarismo”, “ageísmo”, “idadismo” ou “velhismo”, termos que definem uma forma preconceituosa de encarar a velhice e que são bastante disseminados em nossa cultura. Muitas vezes, essa discriminação encontra-se mascarada ou implícita na nossa sociedade, mas que se reflete no senso comum, nas atitudes frente aos mais velhos e na busca implacável de retardar o envelhecimento.

Frequentemente, é possível verificar em diversas ações do cotidiano a manifestação dessa intolerância com a idade, a exemplo do sentimento de estranheza e do tratamento infantilizado ou paternalista por parte dos mais jovens em relação aos mais velhos, decorrentes de vários fatores, como a diminuição do contato intergeracional que ocorre em virtude da modificação da estrutura familiar provocada pelo processo urbano no qual vivemos. (França *et al*, 2016). Além disso, cumpre ressaltar os padrões de beleza condicionados por nossa sociedade, nos quais a autoestima encontra-se intimamente atrelada à jovialidade, não sendo, portanto, poupados recursos mercadológicos para evitar os traços da senilidade.

Este trabalho tem por objetivo abordar as questões que envolvem a discriminação contra os idosos, suas possíveis causas e consequências, além de apresentar meios viáveis para combater essa cultura de marginalização.

METODOLOGIA

Trata-se de uma revisão bibliográfica descritiva baseada nos seguintes bancos de dados eletrônicas: Google Acadêmico (*Google Scholar*), Biblioteca Virtual em Saúde (BVS) e SCIELO. A pesquisa dos artigos foi realizada utilizando-se os termos “ageísmo” ou “etarismo” ou “idadismo” ou velhismo”, como descritores e sinônimos. Foram incluídos, no trabalho, artigos em que abordaram o tema da discriminação contra o idoso de modo qualitativo e/ou quantitativo no contexto brasileiro, publicados a partir dos anos 2000.

A seleção das publicações foi realizada através do resumo do texto por um de nossos autores, seguido de apreciação dos demais coautores. Independente do desenho do adotado, selecionamos os estudos que tinha a temática “Etatismo” no contexto nacional em destaque no resumo.

RESULTADOS

As buscas nas bases de dados acima citadas reconheceram 12 trabalhos, sendo que 11 mostraram-se adequados conforme os critérios de escolha. Todos os artigos incluídos foram considerados relevantes para o estudo, pois abordaram diretamente o preconceito contra a pessoa idosa e seus mais variados esclarecimentos, bem como suas repercussões na sociedade brasileira.

Do total, quatro foram estudos transversais e sete, revisões de literatura.

De modo geral, os estudos foram muito heterogêneos na sua abordagem, visto que foram discutidos os tipos de discriminação mais prevalentes, as principais formas de violência contra o idoso, a percepção do comportamento agressivo relacionado a diferentes faixas etárias, os estereótipos relacionados ao processo de envelhecimento, entre outros. Os principais resultados dos trabalhos serão discutidos a seguir.

DISCUSSÃO

Os artigos que preencheram nossos critérios de inclusão trataram de uma ampla gama de questões relacionadas ao ageísmo, o que reflete a complexidade do tema, assim como é o processo de envelhecimento.

Neste contexto, percebe-se que as principais maneiras de entender as particularidades desse tipo de preconceito giram em torno do reconhecimento de estereótipos negativos e positivos construídos pelo senso comum relacionados à velhice, o que influencia a autopercepção do idoso sobre si mesmo, como também a visão dos outros grupos etários para a população da terceira idade (Couto *et al*, 2009).

Não se pode negar que o idadismo é um fenômeno multifatorial e heterogêneo, afinal, nem todas as culturas têm o mesmo pensamento negativo sobre essa fase avançada da vida. Por exemplo, a maioria das sociedades indígenas tem a população idosa como um dos principais elementos de sua cultura, pois ela é a responsável por transmitir oralmente elementos culturais, como mitologia, rituais e costumes para seus descendentes. No cenário brasileiro como um todo, vale mencionar que a velhice tem, também, uma conotação positiva em alguns aspectos: a idade avançada, muitas

vezes, é vista como acúmulo de experiências e de alto nível de maturidade. Entretanto, constatamos que essa percepção da senescência é proporcionalmente menos enfática quanto sua significação negativa, tornando o idadismo algo frequente, implacável e altamente diluído e difundido em nossa comunidade (Koch *et al*, 2010).

Figura 01: Campanha Publicitária da SBGG (Sociedade Brasileira de Geriatria e Gerontologia)



sobre simbolismo negativo do idoso “Frágil”.

Fonte: Sociedade Brasileira de Geriatria e Gerontologia - SBGG.

Segundo Baccega (2015), um dos fatores que podem estar contribuindo para o idadismo na nossa sociedade é o fato de as imagens e discursos da mídia afetarem a maneira como nossas sociedades se relacionam com o envelhecimento, reforçando ou rechaçando estereótipos e preconceitos relacionados com os mais velhos. Há, ainda, interferindo nesse processo, padrões que rotulam a beleza como sinônimo de juventude, exemplificado no culto ao corpo, cada vez mais intenso como forma de retardar o processo natural de envelhecimento. Isso pode ser demonstrado no forte empenho tecnológico destinado a maquiagem a passagem do tempo, numa supervalorização da aparência, que é tida como capital nos tempos modernos e alvo de manipulação constante.

Somado a esses fatores, Couto *et al* (2009) destacam a mudança na estrutura familiar e o conseqüente afastamento afetivo entre indivíduos mais novos e mais velhos, decorrente do capitalismo e da urbanização, que torna o convívio intergeracional menos frequente, onde crianças e jovens não têm tanto contato com os idosos, tornando essa fase de vida alvo de desconhecimento e de apreensão.



Figura 02: Campanha realizada contra o preconceito ao Idoso pela Sociedade Brasileira de Geriatria e Gerontologia - SBGG)
Fonte: Sociedade Brasileira de Geriatria e Gerontologia - SBGG.

CONCLUSÃO

A velhice pode ser percebida socialmente como uma fase da vida em que o indivíduo carrega um grande legado de sabedoria ou, também, pode significar dependência e exclusão social. Diante de estereótipos positivos e negativos, muitas pessoas nessa faixa etária podem se encontrar em ambivalência, internalizando certos aspectos da imagem social de velhice e não assumindo outros.

Se tais estigmas permeiam o cotidiano dos idosos, às vezes, de forma silenciosa e automática, pode-se afirmar que, para os demais grupos etários da população, muitas das atitudes e pensamentos relacionados ao ageísmo ocorrem de forma inconsciente. Dessa maneira, a falta de informações científicas e de fatos sobre o processo de envelhecimento contribui para a perpetuação de crenças que reforçam a desvalorização do idoso, restringindo os indivíduos mais velhos de oportunidades sociais.

Dado o exposto, é fundamental que haja uma modificação das representações sociais frente ao envelhecimento, para que a discriminação sofrida pelos idosos não seja mais uma prática vivenciada de modo automático. Assim, torna-se imperiosa a implementação de estímulos para inclusão da terceira idade em práticas econômicas, em serviços de saúde e em cenários culturais, juntamente com os demais grupos etários, visando a mudar os estigmas sociais criados sobre essa fase da vida. Por fim, tendo por objetivo a criação de cenários de maior solidariedade onde seja percebido que as maiores limitações para o idoso são impostas pelo meio social em que vive, e não pela sua condição de senescência.

REFERÊNCIAS

1. Alves, M. V. C., & Pereira, M. E. (2011). Percepção do comportamento agressivo quando relacionado a diferentes faixas etárias. *Interação em Psicologia*, 15(2).
2. Silva, E. A. D., & França, L. H. D. F. P. (2015). Violência contra idosos na cidade do Rio de Janeiro. *Estudos e Pesquisas em Psicologia*, 15(1), 155-177.
3. Koch Filho, H. R., de Azevedo Koch, L. F., Koch, H. R., Koch, M. F. N., Diniewicz, F. A., & Diniz, R. A. (2010). Envelhecimento Humano e Ancianismo. *Revista Portal de Divulgação*, (2).
4. Couto, M. C. P., Koller, S. H., Novo, R., & Soares, P. S. (2009). Avaliação de discriminação contra idosos em contexto brasileiro—ageísmo. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, 25, 509-518.
5. Castro, G. G. (2015). O idadismo como viés cultural: refletindo sobre a produção de sentidos para a velhice em nossos dias. *Galáxia. Revista do Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Semiótica. ISSN 1982-2553*, (31).
6. França, L. H. F. P., Silva, A. M. T. B., & Barreto, M. S. L. (2010). Programas intergeracionais: quão relevantes eles podem ser para a sociedade brasileira. *Revista Brasileira de Geriatria e Gerontologia*, 13(3), 519-532.
7. Goldani, A. M. (2010). "Ageism" in Brazil: what is it? who does it? what to do with it?. *Revista Brasileira de Estudos de População*, 27(2), 385-405.
8. Goldani, A. M. (2010). Desafios do "preconceito etário" no Brasil. *Educação & Sociedade*, 31(111), 411-434.
9. da Silva Pedrosa, A. (2004). Sexualidade e etarismo: análise do discurso em uma lista de debates na internet. *Estudos Interdisciplinares sobre o Envelhecimento*, 13(2).
10. BACCEGA, M. A., & CASTRO, G. G. A Velhice na Telenovela Brasileira Atual: Notas Preliminares de um Inventário em Construção.
11. Koch-Filho, H. R., Koch, L. F. A., Kusma, S. M., Werneck, R. I., Bisinelli, J. C., & Moysés, S. T. (2012). Uma reflexão sobre o preconceito etário na saúde. *G&S*, 4(2), 40-8